

Design da Terra: Cosmopolítica e Formação em Design nos Assentamentos do MST

Palavras-chave: cosmopolítica, economias diversas, ensino, reforma agrária .

Claudia Teixeira Marinho; Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, Ceará, Brasil; marinhoclufc@gmail.com

1. Apresentação

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as relações entre design e cosmopolítica, a partir da experiência de elaboração de um curso de Design voltado para comunidades do campo, desenvolvido em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A proposta integrou uma pesquisa de pós-doutorado realizada no Instituto de Artes da UNICAMP entre 2024 e 2025, articulando investigação teórica — sobre metodologias e debates contemporâneos do design — com trabalho de campo, incluindo encontros sistemáticos com representantes do MST-Ceará e professores do curso de Design da Universidade Federal do Ceará (UFC), além de visitas técnicas a assentamentos e acampamentos do MST em São Paulo e no Ceará.

O resultado foi a estruturação do curso de especialização Design da Terra, alinhado às diretrizes do PRONERA e fundamentado na Pedagogia da Alternância - proposta pedagógica que integra escola, família e trabalho, permitindo aos estudantes do campo conciliar formação acadêmica com atividades produtivas, ao articular aprendizagens formais com vivências nos territórios de vida e trabalho (PIATTI, 2014)

Destaca-se o papel central desse modelo pedagógico na estruturação dos debates e conversas realizadas nos grupos de trabalho, sobretudo as escolhas metodológicas que deveriam ser pautadas a partir das particularidades da atuação dos estudantes nos espaços onde vivem. Essa perspectiva colocou o desafio de propor uma concepção de ensino de design vinculadas às questões concretas do cotidiano camponês nos assentamentos e acampamentos - como por exemplo, gestão hídrica, organização de quintais produtivos e práticas agroecológicas. Desenhou-se assim uma reflexão crítica

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

sobre a centralidade dos modelos capitalistas na formação do profissional do campo do design, destacando-se alternativas como trocas solidárias, economias comunitárias e cooperativas autogeridas, já presentes nos territórios do MST. A elaboração do curso partiu, portanto de uma crítica ao pensamento hegemônico em design, para se estabelecer conexões entre saberes técnicos e populares, além de discutir a relação entre valor econômico e valores sociais no design, inspirada em teorias de economias diversas (Gibson-Graham, 2011).

O currículo foi organizado em torno de quatro eixos interdisciplinares: design sistêmico, comunicação comunitária, preservação cultural e metodologias participativas. Esses eixos dialogam diretamente com as práticas agroecológicas e os princípios políticos que regem a organização do MST, em torno de uma formação que articula teoria e prática, saberes populares e conhecimentos técnicos.

2. Agroecologia e Cosmopolítica

No contexto dos assentamentos e acampamentos do MST, a agroecologia emerge não apenas como técnica de cultivo, mas como ação política, sendo que no contexto dos nossos debates, se apresenta como dispositivo conceitual que possibilita pensar o design por meio da articulação entre os saberes tradicionais (populares) e científicos. Em convergência com a Pedagogia da Alternância, a agroecologia possibilitou repensar o design como processo de negociação com os tempos e dinâmicas da natureza, ampliando seu escopo para além de soluções técnicas. O conceito de cosmopolítica, conforme desenvolvida por Isabelle Stengers e Bruno Latour, articulada neste contexto, contribui para compreender o design como diplomacia: conjunto de práticas mediadoras entre ontologias, saberes e agentes humanos e não-humanos.

A agroecologia, tal como praticada nos assentamentos, amplia o escopo da política tradicional ao incluir entidades como solos, rios e espécies como participantes ativos nos debates sobre uso e distribuição da terra, bens naturais, sementes, produção, energia, educação, cultura, direitos sociais e condições de vida digna para todos - conforme previsto no projeto da Reforma Agrária Popular (MST, 2020). Dessa forma, a prática da agroecologia aponta para as dimensões sociais, econômicas e políticas

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

relacionadas ao uso da terra, à produção de alimentos e à organização social, configurando-se como uma ação política.

Stengers (2018) articula o conceito de cosmopolítica ao expandir o campo político para além da esfera humana, incluindo ativamente entidades não-humanas (solos, rios, espécies) nos processos decisórios, rompendo com a tradição iluminista centrada na razão humana. Diferente da visão kantiana (focada em relações entre nações), ela propõe uma política "mais-que-humana", crucial para contextos como a agroecologia, que reconhece a interdependência radical entre humanos e ecossistemas. Latour (2004) complementa essa abordagem com sua noção de "coletivos", onde humanos e não-humanos co-constroem realidades, exigindo novas estruturas institucionais que acolham essa pluralidade de agentes. Ambos os autores convergem ao tratar a política como arena de negociação entre diferentes formas de existência, desafiando hierarquias ontológicas tradicionais.

3. Desdobramentos

Durante a construção do curso, essa abordagem materializou-se em debates sobre sistemas de produção nos quais água, solo e vegetação foram tratados não como recursos, mas como entidades com agência, demandando alianças. O design, assim, revelou-se um dispositivo ético-político, capaz de fortalecer as lutas do MST ao otimizar práticas agroecológicas e compreender as técnicas, por exemplo, como estratégia de diplomacia interespecie.

A experiência de elaboração do curso Design da Terra demonstrou a possibilidade de reorientar o design a partir da cosmopolítica, convertendo-o em instrumento de mediação em contextos de conflitos entre diferentes modos de existência e formas de produção. O processo evidenciou a capacidade do design de contribuir para a criação de mundos comuns e indicou a necessidade de uma formação baseada em pedagogias comprometidas com justiça social, ambiental e epistemológica. Simultaneamente, revelou o desafio de superar a hegemonia do mercado e da lógica empresarial como fundamentos do projeto, ampliando o escopo para considerar a diversidade de formas de organização da vida e da produção.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

4. Referência

GIBSON-GRAHAM, J. K. *Una política poscapitalista*. Edición en español. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2011. E-book Kindle. (Estudios Culturales).

LATOUR, B. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: Edusc, 2004.

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). *Programa agrário do MST*. 2014.

PIATTI, Célia Beatris. Pedagogia da alternância: espaços e tempos educativos na apropriação da cultura. *Boletim GEPEP*, v. 3, n. 5, p. 48-64, dez. 2014.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, 2018.